

Alexander, o Grande: a jornada do vilão Lex Luthor na série *Smallville*

Paulo Ricardo de Oliveira

Resumo: O vilão é uma das figuras mais recorrentes nas histórias de ficção. Esse arquétipo tem uma grande importância narrativa, criando obstáculos para os heróis e fazendo a ação acontecer. Este artigo tem como objetivo analisar a figura do vilão tendo como objeto de pesquisa o personagem Lex Luthor, (tradicional oponente do Superman nos quadrinhos) especialmente por sua representação na série de TV *Smallville*. Na série, o vilão é mostrado em constante transformação e é possível observar a importância das influências pessoais no processo de formação de caráter e convicções do indivíduo; bem como, que um grande vilão, apesar de suas ações condenáveis, pode possuir em seu íntimo tantas qualidades e defeitos como qualquer um. Palavras-chave: vilão, Lex Luthor, *Smallville*.

Alexander the Great: the journey of the villain Lex Luthor in the Smallville series

Abstract: The villain is one of the most recurring figures in fiction stories. This archetype has a great narrative importance, creating obstacles for the heroes and making the action happen. This article aims to analyze the figure of the villain having as research object the character Lex Luthor, (traditional opponent of Superman in the comics) especially for his representation in the TV series *Smallville*. In the series, the villain is shown in

Paulo Ricardo de Oliveira é formado em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). E-mail: parioliveira@gmail.com

constant transformation and it is possible to observe the importance of personal influences in the process of character formation and convictions of the individual; as well as that a great villain, despite his damnable actions, can possess so many qualities in him and defects like anyone else. Keywords: villain, Lex Luthor, Smallville.

Introdução

Nem só de luz é feito o mundo. Para cada raio luminoso, há sempre uma sombra equivalente. Do mesmo modo, ocorre a oposição entre o bem e o mal. É consenso entre religiões, filosofias antigas e até a psicologia, que todos têm a bondade e a maldade dentro de si. Segundo essas crenças o equilíbrio está em manter em harmonia essas duas forças opostas.

A triste verdade é que a vida do homem consiste de um complexo de fatores antagônicos inexoráveis: o dia e a noite, o nascimento e a morte, a felicidade e o sofrimento, o bem e o mal. (...). A vida é uma batalha. Sempre foi e sempre será. E se tal não acontecesse ela chegaria ao fim (CAMPBELL, 1995, p. 85).

Essa batalha muitas vezes é travada dentro do próprio indivíduo que acaba por confrontar-se com sentimentos que deseja manter ocultos tanto dos outros quanto de si mesmo. Jung (2000b) nomeia esses impulsos negativos de “sombra”, um arquétipo que representa tudo aquilo que negamos, reprimimos e projetamos no outro de forma inconsciente. O psiquiatra suíço adverte que apenas encarando a sombra é possível encontrar o equilíbrio, pois ao negar sua existência, o indivíduo se torna passível a ceder a esse arquétipo de forma exacerbada.

Na ficção, aqueles que sucumbem aos seus impulsos obscuros são representados pelos vilões, personagens movidos por intensões repulsivas que, em geral, atuam como antagonistas, se opondo a uma figura heroica.

O que seria de nós sem os vilões? São eles que nos desafiam e, nas narrativas clássicas, nos dão o prazer de vê-los derrotados. São eles que fascinam escritores, atores e diretores de cena, porque mexem tanto com nossos medos e são conduzidos por sentimentos tão sombrios que frequentemente se tornam mais humanos que os heróis (XAVIER, 2015, p. 69).

Nesse sentido, o herói e o vilão são agentes que entram em choque numa dinâmica de ação e reação, onde cada um representa um conceito oposto ao do seu adversário, ao mesmo tempo em que as partes se completam e definem um ao outro. Como expõe Robert Mckee (1997, p. 319) “Devemos começar por identificar o valor principal que está em jogo em nossa história. Por Exemplo, a Justiça. Habitualmente, o protagonista representa a carga positiva desse valor; as forças de antagonismo tendem a ser negativas”.

Mckee defende que “Um protagonista e sua história só podem ser tão intelectualmente fascinantes e emocionalmente atrativos quanto permitam suas forças antagônicas” (MCKEE, 1997, p. 317), esta é a base do conceito que o autor batizou de “O Princípio do antagonismo”. Ainda de acordo com Mckee, “Quanto mais poderosas e complexas são as forças de antagonismo que se opõem ao protagonista, mais completos são os personagens e a história” (MCKEE, 1997, p. 317).

Lex Luthor ou Prometeu moderno

Se um grande herói é tão bom quanto seu arqui-inimigo, não é à toa que o Superman é reconhecido como o maior representante do gênero dos super-heróis. Além de todos os valores que o herói defende, o Homem de Aço tem travado (há oito décadas) um confronto de ideais com o vilão Lex Luthor. Lex é figura recorrente nas aventuras do paladino, seu maior adversário, e um dos principais responsáveis por enriquecer a mitologia do herói.

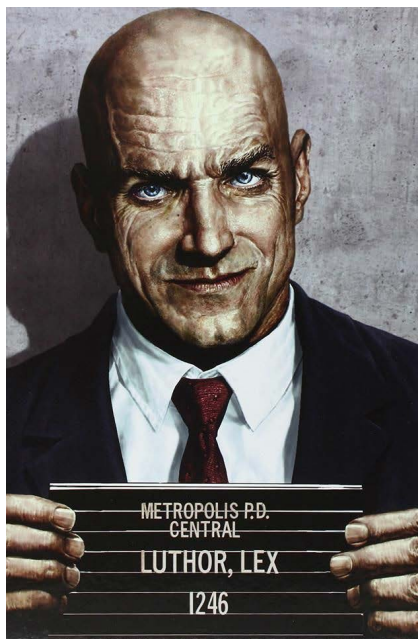


Figura 1. Lex Luthor: bilionário, homem de negócios, cientista louco e vilão.
Art by Lee Bermejo-DC Comics

Quanto mais complexos, e quanto mais intrincadas forem suas motivações, mais interessantes são os vilões. Quanto mais empenhados em uma disputa pessoal com o protagonista, mais contribuem para uma narrativa excitante. Quanto mais ambiguidade houver em protagonistas e antagonistas, a ponto de vez por outra se confundirem, mais rico será o conteúdo da narrativa (XAVIER, 2015, p. 69).

Lex Luthor foi criado por Jerry Siegel e Joe Shuster, sua primeira aparição aconteceu na revista *Action Comics* 23, de abril de 1940. Luthor estreia como um “cientista louco”, que age como um articulador oculto durante a Segunda Guerra Mundial, com o objetivo de conquistar poder em decorrência do conflito. Na história, Luthor se descreve como “Apenas um homem, mas com a força cerebral de um super gênio, com os milagres científicos nas pontas dos dedos” (SIEGEL e SHUSTER, 1994, p. 87).

“O CEO vilanesco de terno e gravata finos pretos estava para tornar-se

o lobo mau padrão dos quadrinhos dos anos 1980”, expõe Morrison (2012, p. 224). Seguindo essa tendência, em 1986, Luthor foi reapresentado como um empresário bem-sucedido, (dono da Lexcorp), e suposto benfeitor. Nesta versão, outro motivo que acirra a rivalidade de Lex com o herói é seu sentimento de posse em relação a Metrópolis, cidade que o homem de negócios alega ter moldado, e que passa a aclamar o herói de azul e vermelho, o que Luthor encara como uma traição.

Em *Lex Luthor – biografia não autorizada, Graphic Novel* com roteiro de James D. Hudnall e arte de Eduardo Barreto, é revelado que Luthor teria crescido em um cortiço e começado sua fortuna ao ser o único beneficiário de uma apólice de seguros em nome de seus pais, que morreram vítimas de um incidente automobilístico premeditado por Lex.

Há ocasiões em que o vilão justifica seu antagonismo ao herói alegando que o oponente é uma ameaça alienígena que reprime o potencial humano, enquanto secretamente conquista poder e influência. Lex ainda justifica que, se não fosse por sua eterna guerra contra o alter ego de Clark Kent, poderia ter salvado a humanidade de mazelas que assolam o planeta.

A minissérie *Lex Luthor – Homem de Aço*, de Azzarello e Bermejo (2011), mostra o ponto de vista do vilão, que se vê como um Prometeu¹ moderno enfrentando um falso deus tirano, enquanto atribui a seu adversário uma série de defeitos que ignora em si próprio. Como explica Jung (2000b, p. 128) “Um ser humano possuído por sua sombra está postado em sua própria luz, caindo em suas próprias armadilhas. Sempre que possível, ele prefere exercer uma impressão desfavorável sobre os outros”.

Não estou interessado na queda dele, mas obcecado com a nossa ascensão. (...) Acredito que há um risco quando algo real se torna um mito. Acredito que, quando isso acontece, perdemos a parte de nós mesmos que anseia crescer (AZZARELLO & BERMEJO, 2011, p. 68-69).

1. Prometeu era um dos titãs da mitologia grega e benfeitor da humanidade. Seu feito mais conhecido foi roubar o fogo do Olimpo e entregá-lo aos humanos, ato pelo qual foi duramente castigado. Zeus ordenou que Prometeu fosse preso ao monte Cáucaso, onde diariamente o titã teria seu fígado devorado por uma águia.

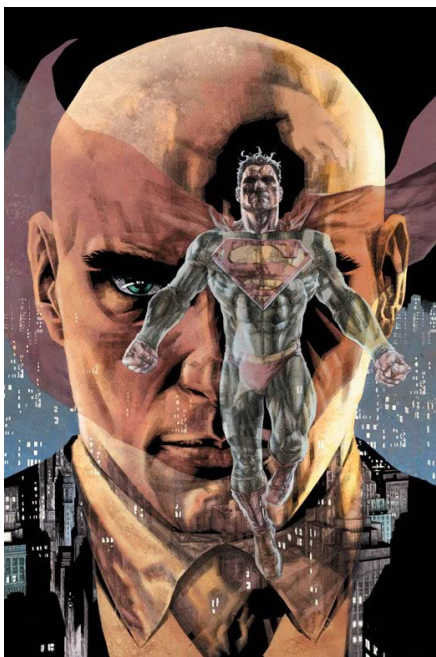


Figura 2. A existência do Superman ofusca a grandeza de Lex Luthor e gera no vilão uma obsessão: destruir seu rival

Em outras histórias Luthor declara que sua rixa com o Homem do Amanhã tem motivações mais superficiais. “Não há nenhuma psicologia profunda por trás da minha luta com Superman. (...) se não fosse por Superman esse planeta seria meu” (MORRISON E FRANK, 2012, p. 126).

Porém, em ambas as histórias Lex deixa transparecer que a obsessão em destruir seu arqui-inimigo é motivada por um sentimento de inferioridade que o Homem de Aço provoca nele. Como declara Jung (2000a, p. 28) “atrás da presunção, certos traços de um temeroso sentimento de inferioridade”.

O mais interessante nessa relação antagônica é o fato de que, em várias histórias, os adversários já foram retratados como amigos na juventude. A primeira vez que essa amizade é mencionada foi na revista *Adventure Comics* n. 271², de 1960. Esse elemento foi retomado algumas vezes, como

2. O vilão teve sua origem visitada numa versão da história em que, na adolescência, teria mantido uma amizade com o Superboy (uma versão adolescente do Superman). Por causa de um acidente que acaba por provocar a calvície de Luthor, o cientista passa a nutrir um sentimento de ódio pelo super-herói.

nas minisséries em quadrinhos *O Legado das Estrelas* (2003), de Mark Waid e Francis Lenil Yu; *Origem Secreta* (2009), de Geoff Johns e Gary Frank, e abordada de forma mais aprofundada na série de TV *Smallville*.

Quando mundos colidem

Smallville foi uma série de televisão norte americana criada por Alfred Gough e Miles Millar. Exibida de 2001 a 2011, inicialmente pela emissora WB e posteriormente pela The CW (fruto da fusão entre as emissoras WB e UPN), a série mostrava a adolescência de Clark Kent (o futuro Superman) tentando se encaixar em seu mundo adotivo.

O episódio inaugural da série (“Pilot”) começa com uma nave alienígena entrando na atmosfera terrestre seguida por um rastro de meteoros que atingem Smallville, pequena cidade do estado do Kansas. A nave trazendo o último sobrevivente do planeta Krypton é encontrada por um casal, que adotaria a criança e lhe daria o nome Clark Kent. Paralelamente a isso, o menino Alexander “Lex” Luthor, o filho de um rico empresário, é atingido por resquícios da chuva de meteoros e a radiação proveniente das rochas kryptonianas faz com que o herdeiro perca seus cabelos ruivos em definiti-



Figura 3. Em *Smallville*, o primeiro encontro entre Clark Kent e Lex Luthor quase provoca a morte de um deles, mas dá início a uma improvável amizade

vo. Desde então, os destinos do filho adotivo dos Kent e do herdeiro Luthor estavam ligados para o bem ou para o mal.

Doze anos depois, Lex e Clark se encontram pela primeira vez, quando se envolvem num acidente automobilístico do qual Kent sai ileso e ainda resgata Luthor de seu carro que afundava sob um rio. Além de gratidão, Lex passa a ter por Clark um sentimento fraternal que preenchia uma lacuna afetiva remoída por ele há muito tempo.

A série brincava com a ironia que é a amizade do milionário e do fazendeiro, assim como, com a ideia de destino, dando indícios do que eles se tornariam no futuro, mas retratando-os, inicialmente, como figuras relutantes em assumir os papéis. No primeiro episódio da série, Lex encontra Clark amarrado com uma joia de kryptonita no pescoço e o desamarra, salvando-o da pedra que o vilão tanto utilizou contra o herói nas HQs. No episódio “Hug”, Luthor é questionado por Clark se algum dia sua amizade se converteria em desafeto e Lex responde: “Acredite em mim Clark, nossa amizade vai virar lenda”.



Figura 4. Numa visão do futuro, Luthor é visto cercado por morte e banhado por sangue (cena do episódio “Hourglass”)

Em “Hourglass”, (sexto episódio do seriado) ao tocar a mão de Lex, uma vidente o vê como presidente dos Estados Unidos (figura 4), mas cercado por morte e destruição. Já no episódio “Skinwalker”, Clark descobre uma

caverna com desenhos indígenas e símbolos grafados nas paredes que retratam a profética “Lenda de Numan”, um herói que cairia do céu, teria a força de dez homens e atiraria fogo pelos olhos. A lenda também fala sobre o oposto de Numan, Ziget, alguém que seria como um irmão para o herói, mas que se voltaria contra ele. Juntos, eles seriam o equilíbrio entre o bem e o mal.

Para Clark, Lex tenta manter uma *persona*³, ou seja, encarnava uma imagem de bom rapaz, diferente do rebelde problemático com o qual era associado. Apesar das aparentes boas intenções de Lex, a ambiguidade nas ações do personagem ilustra a personalidade conflituosa do milionário e dão um ar de imprevisibilidade a suas ações.

A luta interna que Lex travava consigo mesmo e a ruptura entre dois lados contrastantes de seu íntimo, ficam explícitos em dois episódios em que um Lex tirano renega e persegue um *álter-ego* que diz respeito a aspectos que considera como fraquezas suas.

No episódio “Onyx”, após um acidente ocorrido durante um experimento com Kryptonita, Lex é dividido em duas versões de si mesmo, cada parte representando um extremo do personagem, um bom e um mau. Em determinado momento, as duas versões de Lex Luthor se encontram e o lado mal aprisiona e tenta se livrar de sua contraparte, até que terminam por se unir novamente. Em “Fracture”, Lex é baleado e fica em estado de coma, Clark usa uma máquina experimental da Luthorcorp para se conectar com a mente de Luthor. Lá, encontra uma versão infantil de Lex, uma representação de resquícios de seu lado inocente e que luta para sobreviver num ambiente dominado por sua contraparte maligna.

Tais dissociações ocorrem devido a incompatibilidades, por exemplo, entre o estado presente que entrou em conflito com o estado da infância. Talvez tenha havido uma separação violenta na pessoa de seu caráter originário, a favor de uma *persona* arbitrária, voltada para a ambição. Assim ela tornou-se carente de infância, é artificial, tendo

3. (...) a *persona* não passa de uma máscara da psique coletiva. No fundo, nada tem de real; ela representa um compromisso entre o indivíduo e a sociedade, acerca daquilo que “alguém parece ser: nome, título, ocupação, isto ou aquilo” (JUNG, 2000a, p. 143).

perdido suas raízes. Isto representa a oportunidade favorável para um confronto veemente com a verdade originária (JUNG, 2000b, p. 163).

Criado sob uma sombra

Em *Smallville*, fica explícito que Lex cresceu (dentro e fora do seio familiar) como um excluído, inseguro e atormentado por traumas. Ao mesmo tempo em que nutria uma carência pelo afeto paterno, ansiava desesperadamente por se libertar da opressão de seu progenitor. Ao invés de afeto, Lex recebeu do pai lições de liderança e cresceu sob os ensinamentos de *A Arte da Guerra* e com “Alexandre, o Grande”⁴ como referencia de ambição.

Para a criança, os pais são os familiares mais próximos e mais influentes. Na idade adulta, porém, tal influência é interrompida; conseqüentemente, as imagos parentais são cada vez mais afastadas da consciência, devido à influência restritiva que continuam a exercer, adquirem em geral um aspecto negativo (JUNG, 2000a, p. 75).

O nascimento de Julian, o irmão mais novo de Lex, foi o único momento em que o herdeiro imaginou que sua vida familiar seria feliz. A morte precoce do bebê, porém, destruiu suas ilusões. A mãe, Lilian, morreu quando o herdeiro tinha 13 anos e, sua ausência, só ampliou a sensação de desamparo. Por todas essas razões, nos primeiros anos da série, Lex se agarrava à amizade de Clark e buscava a aceitação dos Kent, pois via naquela família a vida com a qual ele sempre sonhara.

Com a evolução do personagem, ficava claro que quanto mais Lex confrontava seu pai, acabava por tornar-se mais parecido com ele e mais perigoso para as pessoas em seu entorno. Nietzsche (2001, p. 89) já preve-

4. Lionel, inclusive impõe testes e desafios a Lex e sob o argumento de que Felipe da Macedônia tinha conduta parecida com o filho e que isso o ajudou a moldar seu caráter. Nas palavras de Lionel Luthor: “Exijo demais de você, não nego. A grandeza é um ar rarefeito onde se precisa aprender a respirar. Sabe, Felipe da Macedônia criou seu filho entre leões para incutir destemor nele. (...) mas a História lembra o garoto como ‘Alexandre, o Grande’” (1x16 - STRAY).



Figura 5. A influência negativa de Lionel Luthor tem papel fundamental no processo de degeneração de Lex

nia “Quem deve enfrentar monstros deve permanecer atento para não se tornar também um monstro. Se olhares demasiado tempo dentro de um abismo, o abismo acabará por olhar dentro de ti”.

O seriado prenunciava que a relação entre pai e filho caminhava para uma conclusão trágica. Entre os episódios “Tempest” e “Vortex”, Lionel Luthor fica preso sob um bloco de concreto que desaba, enquanto escombros ameaçam cair sobre ele. Lex, que acabara de se desentender com o pai, hesita como quem se sente dividido, mas acaba por resgatar seu progenitor.

Na terceira temporada, Lex descobre que, em sua juventude, Lionel premeditou matar os próprios pais pelo seguro de vida. Para impedir que o filho o levasse à justiça, o patriarca Luthor trama para que Lex seja considerado insano e o interna em um sanatório, onde autoriza que o filho seja submetido a tratamento de eletrochoques, o que faz com que o herdeiro tenha parte de sua memória apagada⁵. Ao fim da mesma temporada, Lex consegue provas para colocar o pai na prisão e assumir os negócios da

5. No episódio “Memória”, Lex recorda que a mãe, acometida por uma depressão pós-parto, sufocou o filho mais novo no berço, por acreditar que Lionel colocaria um irmão contra o outro. Lionel sempre acreditou que Lex havia matado Julian acidentalmente e o culpou, esse foi um motivo a mais de ressentimento entre pai e filho.

família. Em retribuição, Lionel envenena a bebida de Lex, que apesar de enfraquecido, sobrevive ao atentado ainda mais endurecido.

Grandes homens em lados opostos

Mais do que o destino, o que pavimentou o caminho de Clark e Lex em direção a caminhos opostos foi a criação que cada um teve. No decorrer dos anos, a diferença de valores entre eles fica cada vez mais evidente e os laços que os uniam vão se desmanchando, até que a amizade se torna rivalidade. No episódio “Nemesis” Lex declara: “Você é o único amigo de verdade que já tive, Clark. Em algum ponto do percurso, você passou a me encarar como seu inimigo, e deu-me as costas”.

A relação com Clark funcionava como uma bússola moral para Lex, que via em Kent a inspiração para o bem que lhe faltava em seu núcleo familiar. Porém, nem só admiração movia a proximidade de Luthor com o jovem fazendeiro, mas também uma inveja disfarçada⁶, o que fica claro quando Lex passou a cobiçar o interesse romântico de Lana Lang, a primeira namorada de Clark, fato que só agravou as hostilidades entre eles.

Sem amarras, Luthor intensifica as pesquisas utilizando seres humanos como cobaias em divisões obscuras da Luthorcorp. Incentivado por sua paranoia contra ameaças alienígenas, direciona cada vez mais os negócios da empresa no desenvolvimento de tecnologias bélicas.

Seguir o caminho errado não é um ato que se faz por escolha, mas se dá por um desvio involuntário de percurso, como foi dito em Nietzsche (2001, p. 103): “Bem, o mau acaba por prejudicar a si mesmo e não o faria se soubesse em que consiste o mal. Portanto, o mau não o é mais que por erro. Tirem-no de seu erro imediatamente e se tornará bom”. Portanto, mais do que por escolha, Lex foi sendo ‘empurrado’ para esse caminho por uma série de influências internas e externas.

6. Quando questionado por Clark quanto a razão de ter lutado tanto para manter a amizade, Lex responde: “Porque eu queria tudo que você tinha. A família, a vida modesta, a namorada fiel” (5x22 “VESSEL”).

“(…) Como seres humanos, todos nós queremos fazer o que é certo, mas quando não o fazemos, isso pode acabar se tornando uma bola de neve. (...) Lex tenta fazer de tudo para seguir no caminho certo (...) e no final, tudo acaba dando errado. Quer dizer, o que você faz quanto tenta de tudo e não consegue?” (ROSENBAUM, 2004, p. 22).

Enquanto a morte natural de Jonathan Kent demarca a passagem de Clark à vida adulta, Lex só se livra definitivamente da influência de seu progenitor e se define de vez como vilão, quando faz jus à sua herança parricida e mata o próprio pai no final do sétimo ano do seriado. Como explicado por Jung (2000a, p. 121), “A conscientização dos conteúdos que compõem o arquétipo da personalidade-mãe significa para o homem libertar-se pela segunda vez e definitivamente do pai”.

A essa altura Lionel havia se tornado um aliado de Clark e é revelado que o milionário fazia parte de uma sociedade secreta chamada *Veritas*⁷, formada por aristocratas fascinados por uma profecia que narrava a vinda de um messias alienígena, a quem eles se referiam como “O Viajante”, predição essa que se alinhava com a trajetória de Clark. Esse grupo tinha acesso a um artefato que poderia controlar “O Viajante”.

Lionel Luthor seria morto por negar ao filho acesso a esse segredo e, mais ainda, por escolher proteger outro, em detrimento de sua prole. O herdeiro atira o pai de cima do prédio que representava o império de sua família, num momento em que desabafa pelos anos de frustração e raiva reprimida. “Fui criado em sua sombra. Agora você morrerá na minha. Não lembrarão sequer do seu nome” (7x20 - “DESCENT”).

No episódio “Artic”, Lex obtém o dispositivo que lhe permite controlar “O Viajante” e o meio de localizá-lo. Enfim, todas as suas dúvidas sobre o fazendeiro são desvendadas. Para Lex, aquela era a revelação que alimentava sua paranoia e saciava seus delírios de grandeza. Seria ele o salvador que livraria do mundo a ameaça de um semideus alienígena e seu poder. Munido do ar-

7. Verdade em latim.



Figura 7. No episódio “Artic”, Lex descobre o segredo de Clark e o confronta

tefato, Lex subjuga Kent e a Fortaleza de Solidão⁸ desaba sobre ambos. Esse seria o último encontro entre os adversários por um bom tempo⁹.

O ego inflado do tirano é uma maldição para ele mesmo e para o seu mundo — pouco importa quanto seus negócios pareçam prosperar Auto-terrorizado; dominado pelo medo; alerta contra tudo, para enfrentar e combater as agressões do seu ambiente — que são, primariamente, reflexos dos incontroláveis impulsos de aquisição que se encontram em seu próprio íntimo —, o gigante da independência autoconquistada é o mensageiro do desastre do mundo, muito embora, em sua mente, ele possa estar convencido de ser movido por intenções humanas (CAMPBELL, 1995, p. 13).

No último episódio da série, os arcos dos personagens se fecham e ambos chegam ao lugar previsto por suas trajetórias nos quadrinhos; Clark

8. Fortaleza localizada no Ártico que serve como um repositório de todo o conhecimento e tecnologia oriundo da extinta civilização kryptoniana. No local, Clark tem contato com Jor-El, uma entidade de inteligência artificial, baseada na personalidade de seu pai biológico e que serve como mentor de Clark.

9. Em virtude da saída do ator Michael Rosenbaum, que decidiu por não renovar o contrato para seguir na série após a sétima temporada, Lex Luthor é afastado da série. Atendendo o apelo dos fãs, o ator retomou o papel no derradeiro capítulo do programa.

como o herói de capa vermelha e Luthor como seu grande inimigo assumido, o que fica explícito no monólogo do vilão que resume a importância que os adversários tiveram na evolução um do outro.

Eu pensava que nossas famílias faziam o que somos. Depois, pensei que eram os amigos. Mas se for olhar na história, os melhores do mundo são definidos por seus inimigos. Eu e você somos bons homens. Por causa do outro. Temos um destino juntos, Clark. Mas em lados diferentes. (...) Nossa história ainda não foi escrita, Kal-El. Todo vilão é tão bom quanto seu herói (10x22 - FINALE parte 2).

Considerações finais

De cientista louco a empresário corrupto, Lex Luthor sobreviveu ao teste do tempo, se destacando como *nemesis* definitivo do Superman por representar valores opostos aos do herói, mas também por, apesar de todos os defeitos, possuir qualidades que o tornam uma figura fascinante.

A versão de Lex Luthor apresentada na série *Smallville* é aclamada por muitos como a melhor adaptação do personagem para outra mídia. Muito dessa aceitação se deve ao fato que a série se preocupou em desenvolver a personalidade e as motivações de Luthor de uma forma que o público teve tempo de se afeiçoar ao personagem antes de conhecer seu lado mais obscuro. Além disso, sua transformação em vilão foi construída em contraste com a de seu amigo/adversário Clark Kent. Enquanto Kent caminhava em direção à luz, Luthor se embrenhava nas sombras.

Em *Smallville*, Lex tem uma trajetória digna de herói, e poderia sê-lo, porém entre ser bom ou buscar a grandeza, Lex aspirou ser grande, pois como ensinado por seu pai, bondade é para os fracos.

Lex queria ser um herói, mas não o herói dos outros, o herói de si mesmo. Ele mente para si buscando justificar suas ações, alegando que protege o mundo, embora provoque mais danos do que repara. Se suas intenções são boas, suas ações são equivocadas.

Se em sua própria narrativa Lex é o herói, um messias alienígena, que reflete nele todas as qualidades que o próprio renegou, só pode ser o vilão e a história só termina quando ele vencer.

Como vítima de uma maldição, quanto mais Lex tentou não ser o seu pai, mais parecido ele se tornou e quanto mais ele tenta ser um herói, mas vilão ele se torna.

Referências

AZZARELLO, Brian; BERMEJO, Lee. *Lex Luthor: Homem de Aço*. São Paulo: Panini Comics, 2011.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1995.

HUDNALL, James D; BARRETO, Eduardo. *Lex Luthor: biografia não-autorizada*. São Paulo: Editora Abril, 1990.

JUNG, Carl Gustav. *O Eu e o Inconsciente*. 21ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000a.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000b.

MCKEE, Robert. *Story: substance, structure, style, and the principles of screenwriting*. Nova York, NY. ReganBooks, 1997.

MORRISON, Grant; QUITELY, Frank. *Grandes astros: Superman*. Barueri, SP: Panini Books, 2012.

MORRISON, Grant. *Superdeuses*. Tradução de Érico Assis. São Paulo: Seoman, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal ou prelúdio de uma filosofia do futuro*. Curitiba, PR: Hemus livraria, distribuidora e editora S.A., 2001.

ROSENBAUM, Michael. É bom ser mal. [Entrevista concedida a] Mike McAvennie. *Smallville*. Barueri, SP: Panini Comics, número 3, p. 21-23, maio, 2004.

SMALLVILLE [Seriado]. Produção: Alfred Gough, Miles Millar, Mike Tollin, Brian Robbins e Joe Davola. Warner Bros. Television, (2001-2011). son. color.

XAVIER, Adilson. *Storytelling: histórias que deixam marcas*. Rio de Janeiro: BestBusiness, 2015.

SIEGEL, Jerry e SHUSTER, Joe. *Super-homem vai à guerra* (Coleção Invictus n. 6). São Paulo – SP. Nova Sampa, 1993.